

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MASCULINIDADE NO FILME JOJO RABBIT

JOSÉ VINICIUS RIBEIRO DE CAMPOS¹

RESUMO

O presente artigo é fruto da disciplina de Práticas em Ciências e Humanidades do Bacharelado em Ciências e Humanidades da Universidade Federal do ABC (UFABC). Nele, o tema escolhido para ser debatido é da masculinidade e a crise pela qual esta vem passando nos últimos anos, fruto da ascensão nas sociedades ocidentais dos movimentos feminista e LGBTQIA+. Assim, a partir das discussões já produzidas sobre masculinidades nas áreas das Ciências Sociais, busco realizar uma análise do filme *Jojo Rabbit* (2019) - com auxílio da Teoria das Representações Sociais do psicólogo social Serge Moscovici -, tentando dar ênfase à tentativa de socialização em uma masculinidade hegemônica pela qual passa o protagonista e como este foi capaz, ao fim do filme, de produzir uma nova forma de ser homem e que foge ao padrão tradicional hegemônico.

PALAVRAS-CHAVE: masculinidades; crise da masculinidade; ciências sociais; *Jojo Rabbit*, teoria das representações sociais.

ABSTRACT

The present article is a result of the subject of Practices in Sciences and Humanities of the Bachelor in Sciences and Humanities of the Federal University of ABC (UFABC). In it, the theme chosen to be discussed is masculinity and the crisis it has been going through in recent years, as a result of the rise in Western societies of the feminist and LGBTQIA+ movements. Thus, based on the discussions already produced about masculinities in the Social Sciences, I seek to perform an analysis of the film *Jojo Rabbit* (2019) - with the help of the Theory of Social Representations of the social psychologist Serge Moscovici -, trying to emphasize the attempt of socialization in a hegemonic masculinity that the protagonist goes through and how he was able, by the end of the film, to produce a new way of being a man that escapes the traditional hegemonic standard.

KEYWORDS: Masculinities, masculinity crisis, Social Sciences, *Jojo Rabbit*, Theory of Social Representations.

¹ Universidade Federal do ABC e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: joseviniciusrc@yahoo.com.br
R. ÍANDE – CIÊNCIAS E HUMANIDADES. SÃO BERNARDO DO CAMPO, V. 6, N. 1. P. 15-28, ABRIL/2022

INTRODUÇÃO

A elaboração e produção deste artigo insere-se num contexto social no qual as estruturas tradicionais de gênero vêm sendo fortemente questionadas. Graças, por exemplo, aos movimentos feminista e LGBTQIA+, vemos constantemente críticas serem estabelecidas às formas de dominação sociais masculina e heterossexual, por mais que ainda sejam dominantes. Em decorrência disso, como nos mostra Viveros Vigoya (2018), em nosso tempo a masculinidade pode ser considerada como uma instituição retrógrada, na medida em que os homens já não possuem uma dominação completamente inquestionável, fazendo com que tenham que assegurar e reforçar sua dominação constantemente. Por causa disso, é possível afirmar que vivemos num período de crise da masculinidade tradicional.

Sendo assim, cabe aos sujeitos masculinos e que se identificam como tal repensarem seu lugar social e buscarem novos modos de ser homem. Bom exemplo disso é o filme *Jojo Rabbit* (2019), dirigido e produzido por Taika Waititi. Nele acompanhamos toda a trajetória de Jojo, garoto de 10 anos que vive na Alemanha nazista, e todo seu processo de reconstrução em busca de uma outra masculinidade.

Dessa maneira, com a ajuda das teóricas e teóricos da masculinidade e com a contribuição metodológica da Psicologia Social e das Representações Sociais, busco trabalhar aqui as novas possibilidades de masculinidade descobertas pelo personagem de Jojo, com o intuito de que isto venha a contribuir para esse debate tão atual e que urge por ampliar-se em nossa sociedade.

REVISÃO DE LITERATURA

Para discutirmos os estudos sobre masculinidade precisamos, primeiramente, abordar as teorias feministas e suas contribuições para a compreensão da masculinidade. Como a antropóloga Viveros Vigoya (2018) nos mostra, principalmente durante a chamada segunda onda do feminismo, as autoras debruçaram-se sobre esse assunto. Na França durante esse período, por exemplo, muito se buscava desnaturalizar os gêneros masculino e feminino e a dominação daquele sobre este, na tentativa de mostrar as formas materiais pelas quais a masculinidade construiu e preserva seu poder. Um dos principais conceitos que descrevem essa situação é o de “patriarcado”, que explica como as mulheres tornam-se economicamente subordinadas aos homens nas sociedades ocidentais. Em outras palavras, por meio das teóricas feministas aprendemos a questionar e rever a hierarquia social que se impõe socialmente.

Toda essa movimentação abriu portas para que a masculinidade fosse cada vez mais estudada a partir da segunda metade do século XX, por volta dos anos 1980. Entre os autores precursores destes estudos está Michael Kimmel (VIVEROS VIGOYA, 2018) que busca nas contribuições de movimentos como o feminista e LGBTQIA+ uma base para propor sua teoria. Para ele, os estudos sobre masculinidade podem ou ser aliados do feminismo ou reivindicar uma análise autônoma. Segundo Kimmel (MACIEL JR., 2013), o ponto central da masculinidade é a defesa de uma heterossexualidade, que é aprovada entre os pares. Em decorrência disso, tudo aquilo que se opõe à masculinidade heterossexual vira motivo de repulsa. Desta maneira, podemos entender que a masculinidade tradicional é, em essência, homofóbica e misógina.

Seidler (MACIEL JR., 2013) também fornece sua contribuição a este campo de estudos na medida em que afirma que os homens são ensinados a expressar independência e autossuficiência com o intuito de competir por espaço na esfera pública. Por esse motivo, é possível entender os homens como seres racionalizados e com pouca capacidade de expressão afetiva.

Além dele, temos também a participação da socióloga australiana Raewyn Connell (VIVEROS VIGOYA 2018), a qual pode ser enquadrada como defensora de uma posição pró-feminista. Para ela, devemos ter em mente que é preciso pensar o gênero masculino como uma construção sócio-cultural mutável, isso é, passível de variação ao longo do tempo e espaço. A partir disso, Connell funda o termo “masculinidade hegemônica” enquanto “configuração de práticas de gênero que buscam assegurar a perpetuação do patriarcado e a dominação dos homens sobre as mulheres” (CONNELL, 1995, p. 77). Em outros termos, a masculinidade hegemônica deve ser entendida enquanto um sistema dinâmico por meio do qual um grupo de homens reclama o direito de superioridade social (MACIEL JR., 2013). Em contraposição a essa forma de masculinidade, Connell funda também o termo “masculinidade marginalizada”, que diz respeito àqueles sujeitos masculinos que, todavia, não gozam de uma masculinidade hegemônica, tais como os grupos sociais explorados e oprimidos. Dessa maneira, podemos pensar a socialização masculina como um constante fluxo no qual os homens que se identificam com esse projeto de gênero buscam afastar-se constantemente das masculinidades marginalizadas, e alcançar cada vez mais a masculinidade hegemônica.

Ademais, como nos mostra Da Silva Jr. e Da Silva (2018), outra característica muito forte da subjetividade masculina é a associação do homem como ser violento:

Comumente, essa conexão entre violência e masculinidade apresenta-se tão introjetada nos discursos, ações e subjetividades que resulta na manutenção de um estereótipo de

gênero no qual se tem a sensação de que são os homens, tão somente, os agentes das violências. (DA SILVA JR.; DA SILVA, 2018, p. 89)

Em suma, com o auxílio de Maciel Jr. (2013), podemos entender a masculinidade enquanto proposta de gênero que se caracteriza principalmente por: competição, exibição de agressividade, incentivo a uma heterossexualidade predadora, racionalização do ser, afastamento e contenção de afetos, dominação, produtividade, ocupação dos espaços públicos, autonomia, independência, virilidade e comportamentos violentos.

Entretanto, com o passar dos anos, a dominação masculina passa a ser cada vez mais contraposta. Não à toa, hoje podemos afirmar que vivemos num período de crise da masculinidade tradicional. O poder originalmente garantido aos homens, por mais que ainda prevaleça, sofre, felizmente, inúmeras críticas em nosso dia a dia. Nesse sentido, pode-se dizer que a dominação masculina é hoje uma forma de dominação reacionária:

Para Fassin, a dominação masculina moderna, diferentemente da tradicional, não se funda unicamente sobre o antigo pressuposto da desigualdade entre os sexos, nem sobre a perpetuação de uma ordem patriarcal intangível e imemorial: ela se define, pelo contrário, “em reação” ao questionamento dessa ordem pelas reivindicações de liberdade e igualdade do feminismo e do movimento social gay e lésbicas (Fabre & Fassin, 2003, p. 42) e constitui, neste sentido, um fenômeno de ressaca que pretende impedir o sucesso da empreitada. Embora a dominação masculina tradicional pressuponha o poder masculino, a dominação reacionária traduz, pelo contrário, um sentimento de perda de poder e uma reação defensiva frente a essa experiência de enfraquecimento (VIVEROS VIGOYA, 2018, p. 58).

Dessa maneira, tendo em vista a crise que a masculinidade vive, além da masculinidade reacionária, precisamos ficar atentos às novas formas de ser homem que vem sendo repensadas e produzidas individual e coletivamente em nossa sociedade contemporânea.

METODOLOGIA E MATERIAIS

A psicologia nasce enquanto ciência moderna durante o século XIX na tentativa de compreender os fenômenos subjetivos. À época, essa área do saber buscou alinhar-se aos preceitos científicos de seu período, principalmente ao positivismo de Auguste Comte. Não à toa, os trabalhos e proposições psicológicas do período são extremamente deterministas e entendem os indivíduos como fruto do meio e das imposições biológicas.

E com a psicologia social - braço da psicologia responsável por analisar as interações entre sujeito e sociedade - não foi diferente. Seu nascimento esteve igualmente ligado a essas concepções.

Dessa maneira, era comum a esse ramo olhar para a relação indivíduo sociedade como entidades separadas e que se relacionavam de forma determinista, causal e linear.

Contudo, durante o século XX novas formas de pensar a psicologia social foram surgindo. Uma parte delas tornou-se responsável por questionar essa antiga forma de pensamento. A partir de Bock & Gonçalves (2017) damos-nos conta de que a dicotomia indivíduo-sociedade, tradicionalmente defendida pela psicologia social - ao menos em seus primórdios - agora é vista como um equívoco. Buscando refutar essa (falsa) dicotomia, tais psicologias sociais tentam nos mostrar que subjetividade e objetividade não são fatores a parte, mas sim instâncias que se agregam e se constroem mutuamente de forma dialética: “Isso nos leva a afirmar que a realidade é um fenômeno multideterminado, e isto inclui uma dinâmica objetiva (sua fase econômica concreta) e também uma subjetiva (o campo de valores)” (FURTADO, 2002, p. 96 *apud* BOCK; GONÇALVES, 2017, p. 175).

Dessa forma, compreendemos que é impossível pensar uma subjetividade alheia a todo um contexto objetivo, histórico e social. Entre essas teorias da psicologia social está a Teoria das Representações Sociais, proposta pelo francês Serge Moscovici (SÁ, 1993). Nessa nova tentativa de desenvolver uma psicossociologia do conhecimento, Moscovici buscou distanciar-se de uma psicologia social muito individualizante (tradicionalmente estudada nos Estados Unidos). Para tanto, busca em Durkheim bases para compreender que: “a sociedade é uma realidade *sui generis* e as representações coletivas, que a exprimem, são fatos sociais, coisas reais por elas mesmas” (SÁ, 1993, p. 21).

Entretanto, Moscovici vai além disso. Para ele, as Representações Sociais devem ser compreendidas como uma parte do conhecimento e não se explicam por si mesmas (CAMPOS, 2019). É possível pensar também que as Representações Sociais têm poder transformador, isto é, elas são capazes de mudar a sociedade ao seu redor (CAMPOS, 2019). Ademais, da mesma forma que se considera a sociedade como sistema sociopolítico, por exemplo, também podemos entendê-la como sistema de pensamento coletivo, responsável pela formação e disseminação das Representações Sociais, cuja finalidade é a de familiarizar aquilo que ainda não é (SÁ, 1993). Em outras palavras, podemos definir as Representações Sociais como um conceito que:

[...] designa uma forma específica de conhecimento, o saber do senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos generativos e funcionais socialmente marcados. Mais amplamente, designa uma forma de pensamento social. As Representações Sociais são modalidades de pensamentos práticos orientadas para a comunicação, a compreensão e o domínio do ambiente social, material e ideal. (JODELET, 1984, p. 361-362 *apud* SÁ, 1993, p. 32)

A partir desta explicação podemos visualizar as Representações Sociais como uma forma de saber não-científico que leva à informação e ao fortalecimento de identidades populares (MUSSI, 2016) e que é propagado nos diferentes meios de comunicação, entre eles o cinema, que é uma grande plataforma de disseminação de ideais sócio-políticos e econômicos os mais variados possíveis:

Todos esses fatos nos fazem pensar que a relação cinema e política está intimamente relacionada a interesses e propósitos muito bem planejados e executados pela indústria que lucra com seus resultados, além de mobilizar emoções e interesses definidos. [...] Um filme de caráter político deve levar as pessoas a pensar, questionar pressupostos estabelecidos sobre o próprio cinema, seu papel enquanto indústria do entretenimento e espetáculo com efeitos políticos. Talvez sua principal característica e valor seja seu potencial provocativo, a força de nos projetar para dentro da tela, espelho no qual podemos nos reconhecer e/ou tomar contato com ‘escombros interiores’ há muito esquecidos. (MUSSI, 2016, p. 43-47)

Assim, tendo em vista o que foi explicitado acima, será usado o campo teórico das Representações Sociais para buscar compreender como a masculinidade é desenvolvida no filme *Jojo Rabbit* (2019) e como, ao longo deste, ela vai sendo criticada e transformada dentro do próprio protagonista. Vale pontuar que, para que fosse possível assistir a este filme, foi necessário comprá-lo na plataforma de distribuição de filmes do *Youtube*. A seguir, trarei o enredo do filme atrelado a imagens deste, buscando dar destaque a pontos que tangem a temática da masculinidade, a fim de abordá-los na discussão.

RESULTADOS / SINOPSE**Figura 1:** Cartaz Original do filme Jojo Rabbit (2019)

Fonte: Fox Searchlight Pictures.

Ao completar 10 anos de idade, Jojo (Roman Griffin Davis) - jovem que vive na Alemanha em meio ao final da Segunda Guerra Mundial - entra para a *Hitlerjugend* (Juventude Hitlerista) com seu colega Yorkki (Archie Yates). Nesse período, Jojo também possuía um amigo imaginário, que era o próprio Adolf Hitler. Ao entrar, estava empolgado, uma vez que sentia que, dessa maneira, iria se tornar um verdadeiro homem.

Ao chegar lá, conhece Capitão Klenzendorf (Sam Rockwell), militar nazista afastado do campo de guerra e que era instrutor da juventude. Neste local, Jojo entra em contato com uma socialização militarizada, autoritária, e que valoriza a agressividade. Lá, o treinamento também é diferente entre homens e mulheres. Enquanto estas aprendem tarefas domésticas e do âmbito privado, aqueles são instruídos a serem soldados. Além disso, evidentemente, todos os alunos são instruídos a ter um forte sentimento antissemita.

Contudo, apesar da alegria inicial, Jojo passa a se sentir assustado com toda essa realidade. Em dado momento, alguns jovens mais velhos coagem Jojo a matar um coelho, sendo que ele não consegue fazê-lo por receio de sacrificar o animal. Por causa disso, ele recebe o apelido maldoso de Jojo Rabbit (coelho em inglês). Após essa ridicularização, ele tenta mostrar sua virilidade atirando uma granada. Infelizmente, ele o faz de forma errônea e acidenta-se. Em decorrência disso, seu corpo fica todo

marcado com as cicatrizes deste momento. Graças a sua mãe Rosie (Scarlett Johansson) - personagem a quem Jojo ama e que o faz sentir-se protegido e seguro - e sua capacidade impositiva, seu filho consegue permanecer na *Hitlerjugend*. Nesse momento, Jojo sofre muito *bullying* também, sendo comparado ao seu pai (o qual somos informados apenas que está em uma missão no exterior) como alguém fraco e covarde, já que agora, com todos esses problemas físicos, ele fica incapaz de ir à guerra.

Figura 2: Jojo correndo com a granada na mão em conjunto com seu amigo imaginário Hitler. Atrás, de trajes cinzas, podemos ver Capitão Klenzendorf



Fonte: *Fox Searchlight Pictures*.

Nesse meio tempo, em um dia que estava sozinho em casa, Jojo ouve barulhos vindos do andar de cima. Após uma averiguação, descobre Elsa (Thomasin Mckenzie), jovem judia que vive escondida entre as paredes de sua casa. Ele chega a ser ameaçado por ela para que ele não a delate, o que o amedronta. Essa situação também produz alguma angústia em Jojo, na medida em que ele começa a se dar conta que provavelmente sua mãe teria escondido essa garota ali (o que depois vem a se confirmar, quando descobrimos que Rosie e seu marido fazem parte de um grupo político Anti-nazista).

Figura 3: Jojo caminhando com sua mãe em sua cidade na Alemanha Nazista

Fonte: *Fox Searchlight Pictures*.

A partir daí, dada sua impossibilidade de entregar a garota e seu medo de enfrentá-la fisicamente, Jojo busca na racionalização uma saída. Ele passa a reunir-se com ela periodicamente a fim de escrever um livro sobre todas “as características malignas presentes nos judeus”. Nesse meio tempo ele sempre faz questão de ofender Elsa e seu noivo Nathan (que teoricamente está na França). Entretanto, ao perceber que ela fica ofendida, Jojo se arrepende de tudo que faz. Além disso, ele começa a perceber que passa a sentir certos sentimentos amorosos pela garota, que de início são negados, mas que vão sendo trabalhados e desenvolvidos ao longo da trama.

Figura 4: Jojo em uma de suas conversas com Elsa. Ao fundo vemos Hitler, o amigo imaginário de Jojo, assustado, representando o estado emocional pelo qual o garoto estava passando no momento



Fonte: *Fox Searchlight Pictures*.

Nesse momento do filme, começa a haver uma certa inversão das noções em Jojo. Com o auxílio dos comentários de Yorkki e suas próprias vivências, o garoto passa a questionar internamente seus valores nazistas. Por causa disso, seu amigo imaginário torna-se mais agressivo e impositivo.

Na sequência do filme, funcionários da Gestapo vão até a casa de Jojo, suspeitando que alguma coisa de errado esteja acontecendo lá. Para escapar da prisão, Elsa passa-se pela irmã de Jojo, já falecida, tendo sucesso. Infelizmente, ao andar pela rua, Jojo descobre que sua mãe havia sido pega e assassinada pelos nazistas, o que o faz sofrer profundamente. Em decorrência disso, ele busca transferir toda sua raiva e indignação na tentativa de matar a garota judia. Felizmente, não tem coragem de finalizar tal ato. Além disso, no desenrolar da trama, começa a descobrir que Capitão Klenzendorf é homossexual.

Nesse momento, os exércitos soviético e estadunidense já estão tomando a Alemanha e, conseqüentemente, a cidade de Jojo. Aqui, ele e seus colegas crianças passam a ser parte dos soldados que compõem o exército nazista. Ele vê seus conterrâneos morrerem e, ademais, com a descoberta da morte de Hitler, Jojo perde por completo sua crença no nazismo. Ele é pego pelos americanos e só não é morto por intervenção de Klenzendorf. Por fim, com o final da guerra, Jojo retorna à sua casa e evita

contar a Elsa sobre a vitória do Eixo com receio de perdê-la. Entretanto, acaba por contar o que realmente aconteceu, sendo que a cena final apresenta ambos saindo da casa de Jojo e dançando.

DISCUSSÃO

Tendo em vista a noção de Representações Sociais, podemos pensar nas expressões sociais da masculinidade que são abordadas ao longo do filme e como os diferentes personagens vão lidando com isso.

Primeiramente podemos pensar no próprio protagonista, Jojo Rabbit. Sua empolgação com o fato de entrar para a Juventude Hitlerista advém, em parte, do fato de ele compreender que agora viraria um homem. Não à toa, quando vai para o acampamento, entra em contato com uma educação que busca valorizar e enaltecer ideais masculinos como os de violência, agressividade, coragem, militarismo, autoritarismo e ocupação do espaço público. Já as meninas que iam ao acampamento, aprendiam apenas tarefas domésticas. Vemos, assim, logo de início uma importante representação social da masculinidade, que é a separação bem delimitada entre homens e mulheres, sendo que aqueles são responsáveis por exercer a dominação pública.

Neste acampamento, outro ponto muito importante é o momento no qual Jojo é forçado a matar um coelho e fracassa. Por causa disso, recebe a alcunha de Jojo Rabbit e passa a querer demonstrar toda sua capacidade e valor a partir de então. O que presenciamos aqui, é a marginalização do protagonista pelo fato de ele não ter tido capacidade de exercer sua masculinidade de acordo com as representações da masculinidade hegemônica. Assim, para voltar a ser considerado “homem de verdade”, ele busca demonstrar, ao longo do enredo, adesão ao ideal de masculinidade hegemônico, chegando até a se machucar em decorrência do incidente com a granada.

A partir desse momento do filme, entramos em contato com a mãe de Jojo, personagem muito interessante. Isso acontece pois, por mais que seja uma figura feminina, Rosie simboliza uma quebra da hegemonia masculina. Primeiramente isso ocorre porque a figura paterna de Jojo é ausente, vindo até a ser ridicularizada por alguns de seus colegas. Em decorrência disso, ela precisa assumir as funções da figura paterna na vida de Jojo. Não obstante, ela também quebra a masculinidade hegemônica na medida em que tem grande penetração no espaço público, vindo a participar até de um grupo político anti-nazista.

Outra função importante de Rosie é a de funcionar como questionadora da busca de Jojo por se tornar um sujeito da masculinidade hegemônica. Em diversas cenas do filme, quando Jojo age em

frente à sua mãe performando enquanto um sujeito masculino hegemônico e até nazista, Rosie quebra com esse padrão por meio da demonstração de afeto. Além dela, é preciso pontuar também a relevância de Yorkki nesse mesmo aspecto, uma vez em que ele não atende aos requisitos de uma masculinidade hegemônica e também não faz questão de ser, trazendo sempre comentários que fogem das representações sociais da masculinidade tradicional.

Faz-se necessário, também, lembrar do amigo imaginário de Jojo, o próprio Adolf Hitler. Essa figura é importante pois representa a união dos ideais masculinos e nazistas que Jojo tenta alcançar. Quando Jojo sente que sua masculinidade e suas ideias são postos em xeque, seu amigo imaginário aparece para lhe reforçar estes ideais. Mas, conforme Jojo vai se afastando destes, ele começa a questionar a presença de seu amigo imaginário, que responde com uma agressividade cada vez mais forte até ser definitivamente expulso da cabeça de Jojo.

Outro personagem fundamental na história é o Capitão Klenzendorf. No início do filme, Klenzendorf é o verdadeiro expoente da masculinidade hegemônica. Toda sua performance militarista e autoritária representa um aglomerado de todas as representações sociais que nossa sociedade possui acerca do que é ser um bom homem. Porém, com o desenrolar do enredo, este personagem vem a ter uma verdadeira transformação. Seus traços masculinos mais evidentes vão diminuindo, a ponto de, no final, ele revelar sua homossexualidade e ter comportamentos humanitários e afetuosos para com Jojo.

Por fim, é preciso destacar a relação de Jojo com Elsa. Sua presença na vida de Jojo é responsável pelos maiores questionamentos. Ao entrar em contato com ela, Jojo sente medo e desespero, características negadas pela masculinidade. Acima disso, ele tenta confrontá-la fisicamente sem conseguir. Como saída para essa sua fraqueza e até pelo medo de entregar a garota e prejudicar sua mãe, Jojo recorre à razão para se sentir superior. Por causa disso, começa a conviver frequentemente com Elsa e passa a escrever um livro sobre as “características perversas do povo judeu”. Contudo, Jojo falha também nesse objetivo, uma vez que começa a nutrir sentimentos amorosos por Elsa. De início, começa a negá-los; porém, com o tempo, vem a aceitar esse afeto tão transformador em sua vida.

Por causa disso, da morte de sua mãe e de todos os questionamentos da masculinidade vividos por ele, Jojo deixa de buscar alcançar uma representação da masculinidade hegemônica e aceita seu próprio sujeito masculino, dando vazão a uma nova forma de masculinidade, na qual ele consegue explorar e validar seus afetos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de tudo que foi abordado até aqui, damos-nos conta de que, por mais que retrate satiricamente um fato histórico, *Jojo Rabbit* (2019) não deixa de pertencer a seu tempo, uma vez que traz para a grande tela o debate sobre a masculinidade. Com o auxílio da teoria das representações sociais de Moscovici e das(os) teóricas(os) da masculinidade, percebemos que este filme ilustra muito bem a crise da masculinidade vivida no Ocidente. De um lado, vemos a permanência e a divulgação de representações sociais ligadas à masculinidade tradicional e hegemônica, a qual é defendida em posturas agressivas, competitivas e violentas dentro do cenário de uma Alemanha Nazista decadente, prestes a perder a Segunda Guerra Mundial.

Em meio a isso tudo, acompanhamos as vivências de Jojo e dos outros personagens do filme. Neste relato ficcional entramos em contato com a tentativa de Jojo de se aproximar cada vez mais de formas de ser nazista e de masculinidade hegemônica. Entretanto, essa tentativa é falha. Por mais que tente, Jojo não consegue performar tal qual as representações sociais de uma masculinidade hegemônica preconizam. Pelo contrário, a cada nova tentativa, Jojo é frustrado, produzindo uma verdadeira crise dentro de si.

Felizmente, por causa de suas vivências, o garoto começa a criar uma nova possibilidade de ser masculino, na qual a agressividade e violência não são atributos valorizados. Além disso, nessa nova saída encontrada, também há vazão para relações interpessoais nas quais os afetos e suas demonstrações são valorizados.

Em suma, o filme dirigido e produzido por Taika Waititi é capaz de trazer-nos uma crítica satírica às representações sociais tradicionais masculinas, mostrando toda sua incoerência e problemática atuais. Além disso, ele também nos fornece uma nova possibilidade de ser masculino no mundo, na qual novos princípios são incorporados às vivências dos homens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOCK, A. M. B. & GONÇALVES, M. G. M. A dimensão subjetiva da desigualdade social - desafios teóricos e metodológicos. *In: MACHADO, C. Democracia e desigualdade: registros críticos.* Porto Alegre: Editora Zuko, 2017.

CAMPOS, J. V. R. Saberes Intergeracionais em Catálogo Virtual. Relatório final de Iniciação Científica em Psicologia Social. **Relatório.** São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019.

DA SILVA Jr., J. A. & DA SILVA, M. de L. R. “Não tem nenhum viado aqui”: a construção de masculinidades em uma unidade socioeducativa do Rio de Janeiro. *In: CAETANO, M. & DA SILVA Jr., P. M. (orgs.). De guri a cabra macho: masculinidades no Brasil.* Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

CONNELL, R. **Masculinities.** Cambridge: Polity Press, 1995.

JOJO Rabbit. Taika Waititi / Carthel Neal, Chelsea Winstanley & Taika Waititi. EUA: Fox Searchlight Pictures, 2019.

LIMA, M. Concepção, redação e publicação de artigos científicos. Redação de artigos: estrutura e conteúdo. **NASCER E CRESCER: Revista de pediatria do centro hospitalar do Porto**, 2013, vol XXII, n.º 1.

MACIEL Jr., P. de A. **Tornar-se Homem - Projeto Masculinos na Perspectiva do Gênero.** Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2013.

MUSSI, L. H. **Representações Sociais do nazismo no cinema: estudo sobre a desumanização e a resistência à desumanização.** Tese (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2016.

SÁ, C. P. Representação Social: o conceito e o estado atual da teoria. *In: SPINK, M. J. (org.). O conhecimento no cotidiano.* São Paulo: Brasiliense, 1993.

VIVEROS VIGOYA, M. **As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América.** Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.